

SUCESSÃO

Sarney anuncia que não será candidato

Cercado por parentes, o ex-presidente ainda se recupera da crise de taquicardia que o levou ao hospital no fim de semana e afirma que não vai concorrer ao Palácio do Planalto

MARA BERGAMASCHI

Enviada especial

SÃO LUÍS — O ex-presidente José Sarney, que já frequentou o segundo lugar das pesquisas eleitorais, é a primeira baixa da campanha presidencial deste ano. "Estou fora do páreo", anunciou ontem, já instalado em sua casa na Praia do Calhau, onde se recupera de uma crise de taquicardia

que o levou ao hospital no final de semana. Cercado por familiares, de camisa safari e sandálias de couro, o ex-presidente optou por estender seu descanso e adiou de ontem para hoje sua volta a Brasília.

Longe de atribuir ao coração a responsabilidade pela decisão de se retirar da sucessão presidencial, o hoje senador pelo PMDB do Amapá sustentou

que "nunca" quis retornar ao Palácio do Planalto. "Os políticos é que conversam demais", disse, para justificar o fato de seu nome estar sempre em evidência. O desejo de Sarney de não se candidatar era, no entanto, desconhecido até pelo jornal de sua propriedade. Antes de o ex-presidente ser internado, o diário *O Estado do Maranhão* publicou com destaque nota segundo a qual Sarney seria "o mais forte e o mais falado" para a sucessão presidencial pelos governadores do PFL.

Não há dúvida de que, além da inconstância do PMDB, as batidas irregulares do coração conspiraram contra o futuro político do senador. Apesar de ter superado a crise, ele

vai ter de continuar a tomar medicamentos diariamente para controle da frequência cardíaca. Sarney contou que estava deitado lendo um livro de Octavio Paz quando começou, por volta das 21 horas de sexta-feira, a sentir taquicardia. Telefonou para o médico e cunhado Marival Lobão, tomou comprimidos, mas, duas horas depois, sua pulsação continuava disparada.

"Chegou a 200 batidas por minuto", ressaltou. No início da madrugada, já sentindo dores nos músculos, o ex-presidente decidiu ir até o Hospital do Coração da Santa Casa, de propriedade de seu amigo José Murad — tio de Jorge Murad, marido de Roseana Sarney. Como a arritmia não cedia — somente às 3 horas as injeções fizeram efeito —, a família Sarney chegou a providenciar um jatinho a fim de transferi-lo para o Instituto do Coração em São Paulo.

"Entramos em contato com o diretor do Incor, Geovanni Belot, mas ele julgou desnecessária a remoção", contou o cardiologista Oscar Molina, responsável pela equipe do Hospital do Coração de São Luís. Segundo ele, a arritmia precisa ser controlada para não comprometer todo o sistema circulatório do paciente. Quando passou mal, Sarney se encontrava apenas em companhia da filha, Roseana. Sua mulher, Marli, estava em Brasília. "Quando ouvi falar em hospital, vim correndo", contou ela, que só chegou a São Luís no sábado de manhã. No final da tarde, Sarney teve alta.



José Varella/AE

Na casa da Praia do Calhau, em São Luís, o senador do PMDB assegura: "Estou fora do páreo"

Roseana faz campanha sem o pai

SÃO LUÍS — A crise de taquicardia impediu o ex-presidente José Sarney de participar da campanha eleitoral da deputada Roseana Sarney (PFL) ao governo do Maranhão. Roseana contava com a ajuda do pai nas visitas que faria no final de semana aos municípios de Bacabal e Araiões.

"Fiquei chateado de não poder ir a Araiões porque o meu primeiro eleitor, José Vieira, chefe político local, completaria cem anos no domingo", explicou Sarney. Preterida na capital, segundo as pesquisas de opinião, Roseana tem obtido, graças à liderança do pai, expressiva intenção de voto no Interior. Para enfren-

tar seu principal adversário, o senador Epitácio Cafeteira (PPR), Roseana decidiu se licenciar da Câmara já na próxima semana e se dedicar exclusivamente à campanha eleitoral.

A presença de Sarney ao lado da filha será fundamental para ela tentar diminuir o preconceito, sobretudo dos eleitores do Interior, contra a candidatura de uma mulher ao governo. O ex-presidente tenta disfarçar sua influência na disputa regional. "A Roseana tem personalidade forte, sabe articular e anda pelas próprias pernas", afirmou. Mas fiscaliza cada passo da candidata. Os primeiros cartazes de campanha, por exemplo, estavam sobre a mesa de

sua biblioteca. Na imprensa local, controlada, de um lado, pela família Sarney, e de outro pelo ex-governador João Castelo, aliado de Cafeteira, a guerra já está declarada.

Na disputa, Roseana conta também com o apoio do atual governador, Édison Lobão (PFL), e do senador Alexandre Costa (PFL). Além das obras inauguradas com patrocínio dos dois, a deputada tem a favor as realizações do pai no Estado. "A Estrada José Sarney é a mais longa do País", disse orgulhoso o ex-presidente, apontando da varanda de seu sobrado para os navios que deixam o porto de Itaqui em direção a outros continentes. (M.B.)

Lula critica URV, mas quer aliança

RICARDO LESSA

Enviado especial

GUARAPUAVA — O candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, criticou ontem a adoção da URV e disse que os trabalhadores ficarão com o prejuízo "líquido e certo" do plano econômico. "É inexplicável manter os preços livres e os salários indexados." Apesar disso, garantiu que ainda quer um acordo com o PSDB do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. "Não queremos ficar com fuma de intransigentes", explicou. "Se o PSDB não quiser o acordo, que assuma a responsabilidade".

Para ele, é "humanamente impossível" estabilizar a moeda com um salário mínimo de US\$ 65 e sem mexer no sistema financeiro. "Só vejo os pequenos reclamando do plano, os oligopólios parecem estar satisfeitos" Lula elogiou, porém, a tentativa de Cardoso de aplicar o plano sem choques.

Segundo sua assessoria, ele gravará um discurso hoje, em Londrina, fazendo uma avaliação crítica da URV e mostrando preocupação com as perdas salariais. "A melhor maneira de se conseguir a estabilidade da moeda no Brasil é restabelecer o poder de compra da população, e não diminuí-lo ainda mais." Lula também pediu ao ministro do Trabalho, Walter Borelli, ex-diretor do Dieese que pense bem "se compensa fazer o que está fazendo e jogar 27 anos de compromisso com a classe trabalhadora no lixo".

■ Mais repercussões do lançamento da URV no caderno de Economia